

DECOMTEC

Departamento de Competitividade e Tecnologia

**ESTRATÉGIA DE POTENCIAL SÓCIO
ECONÔMICO PLENO PARA O BRASIL:
OPORTUNIDADES E DESAFIOS**

José Ricardo Roriz Coelho

Vice Presidente da FIESP

Diretor Titular do Dpto de Competitividade e Tecnologia (DECOMTEC)

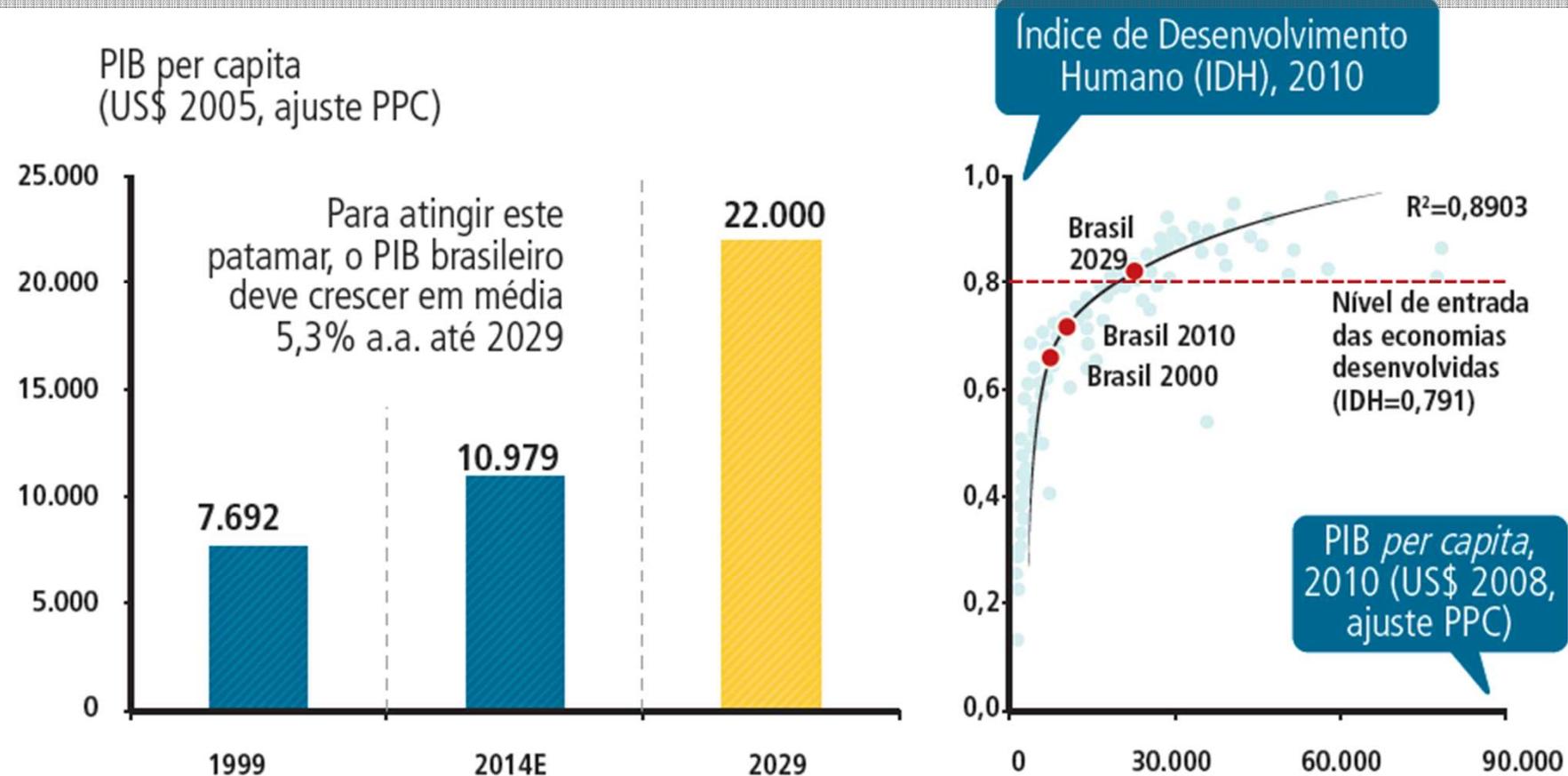
Junho de 2013

1	Oportunidades
2	Desafios
3	Conclusões
4	Propostas

1	Oportunidades
1.1	Objetivo e metas
1.2	Modelo proposto
2	Desafios
3	Conclusões
4	Propostas

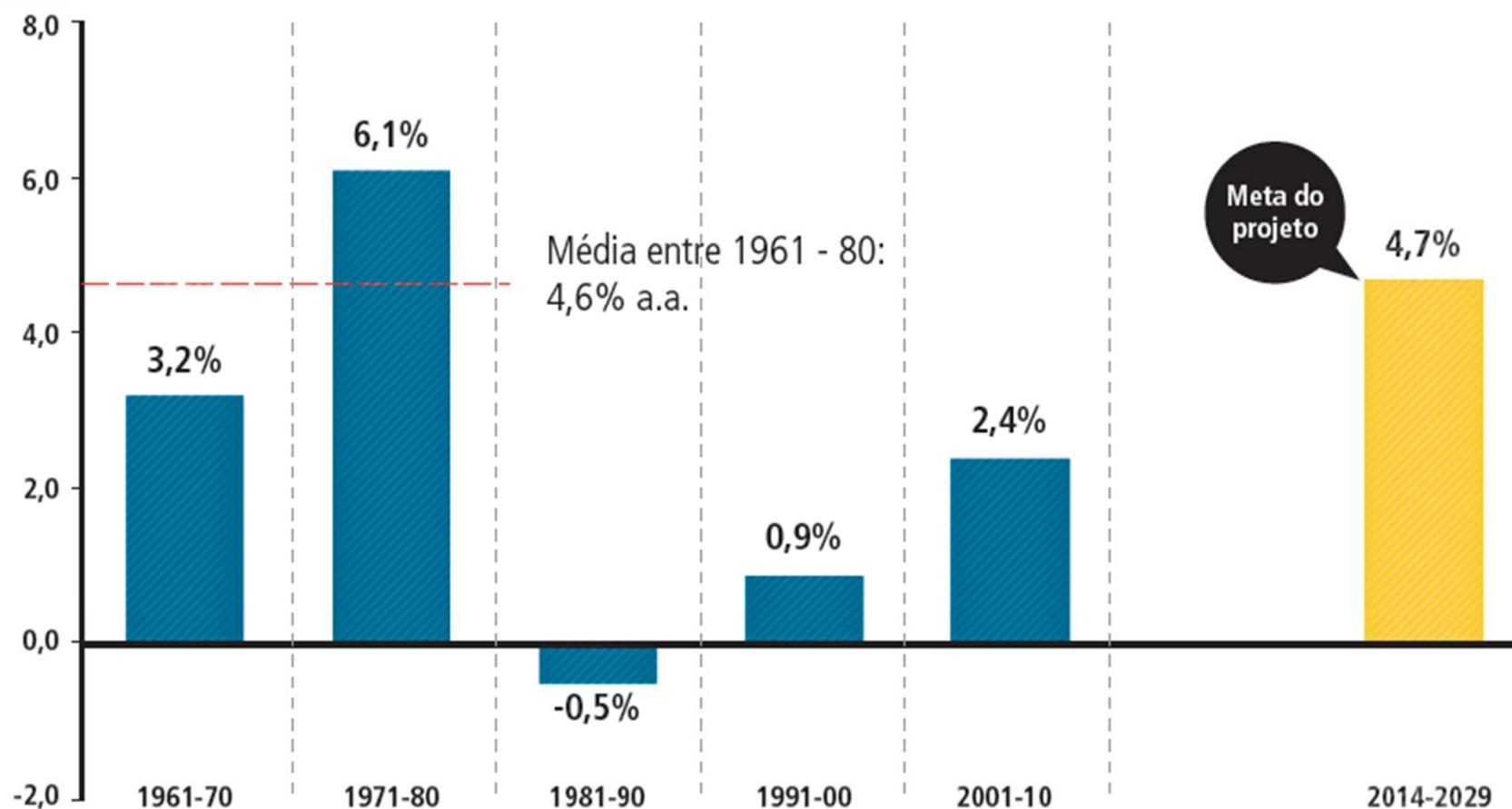
Metas socioeconômicas para o Brasil (até 2029):

- Dobrar o PIB per capita de US\$ 11 mil para US\$ 22 mil
- Aumentar o IDH até o nível de entrada das economias desenvolvidas



Dobrar o PIB per capita brasileiro em 15 anos exige taxas de crescimento semelhantes às verificadas no período 1961-1980

Taxa histórica de crescimento do PIB per capita brasileiro (% a.a.).



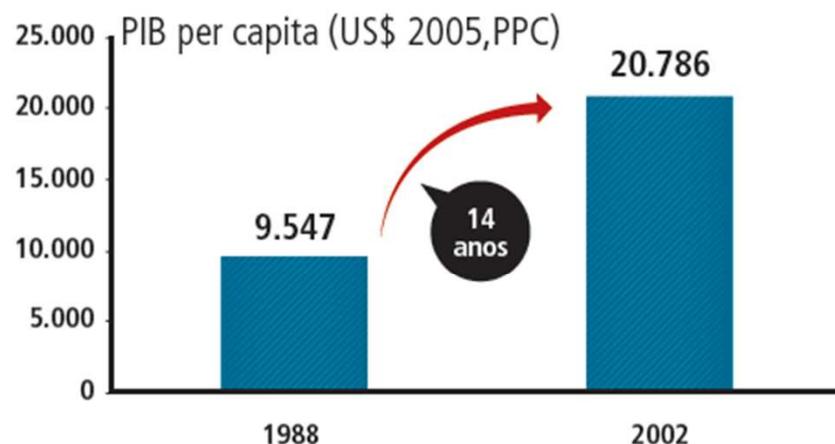
Fonte: IBGE, Banco Mundial, Elaboração: Equipe FEA-RP/USP

1	Oportunidades
1.1	Objetivo e metas
1.2	Modelo proposto
2	Desafios
3	Conclusões
4	Propostas

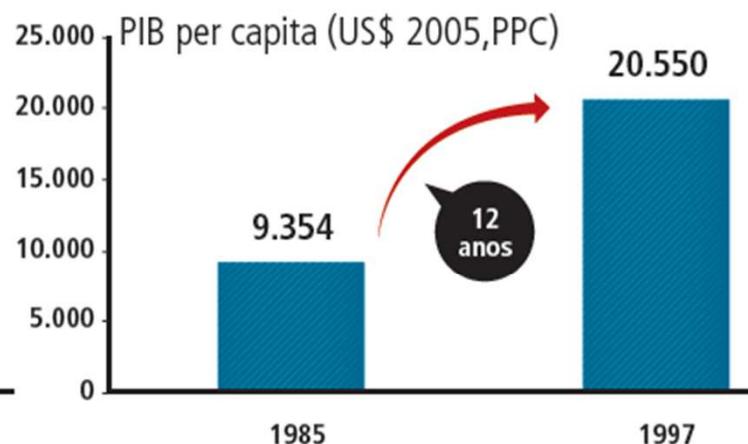
A história mostra ser possível duplicar a renda per capita em até 15 anos, partindo de nível de renda semelhante ao atual do Brasil. Entretanto, poucos países já atingiram esse objetivo



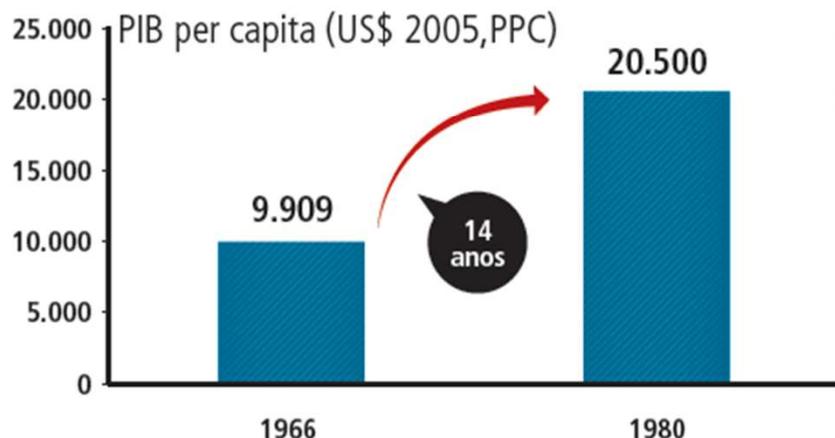
CORÉIA DO SUL



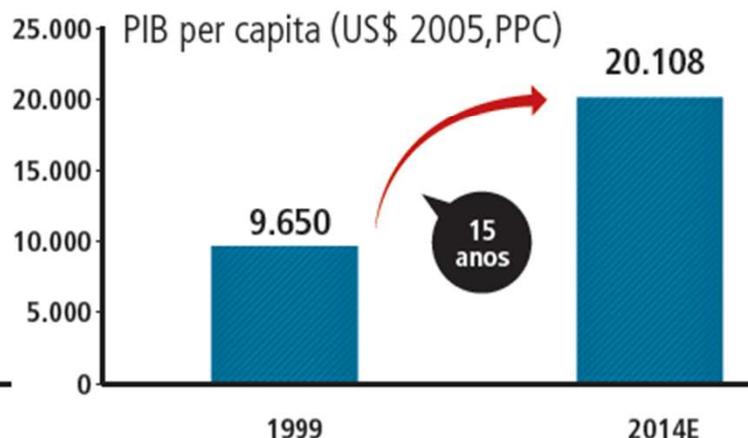
TAIWAN



JAPÃO

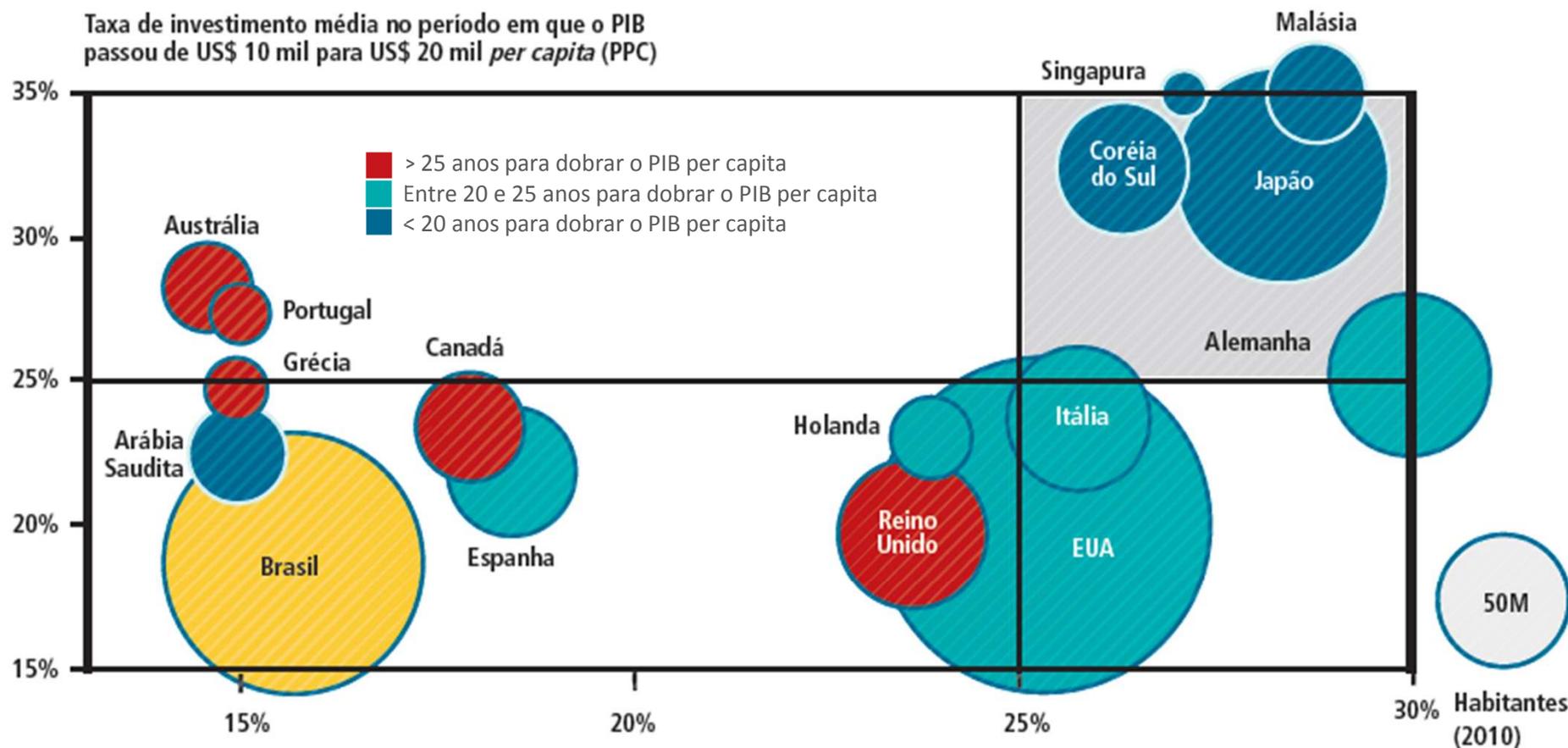


MALÁSIA



Dois fatores foram comuns aos países que dobraram seu PIB per capita em até 15 anos: taxa de investimento superior a 30% do PIB, e participação da indústria de transformação no PIB acima de 25%

Países que não reuniram essas duas características levaram mais tempo para duplicar o PIB per capita, exceto pela Arábia Saudita.



OBS: países com mais de 10 milhões de habitantes, exceto Singapura.

Participação da Indústria de transformação no PIB no ano em que o PIB per capita chegou a US\$ 20 mil *per capita* (PPC)

No Brasil, a participação do investimento e da indústria no PIB poderão ser menores que nos países asiáticos destacados, devido ao potencial de ganhos de produtividade relacionado a avanços na infraestrutura e capital humano

Indicador (objetivo)	2012	2014 a 2029 e 2029
PIB per capita (em US\$ PPC)	10.979	22.000
Crescimento do PIB (em % a.a.)	1,40	5,3 (2014 a 2029)
Crescimento do PIB per capita (US\$, em % a.a.)	0,50	4,70 (2014 a 2029)
IDH	0,728 (2011)	Acima de 0,791

Indicador (condicionantes dos indic. objetivo)	2012	2014 a 2029 e 2029
Investimento	18,7% (estimado)	25% (média de 23,7% no período)
Capital Humano (anos de escolaridade - 20 a 34 anos)	9,1	12,3
Produtividade (em % a.a.)	0,21	2,3 (2014 a 2029)
Participação Ind. Transf. / PIB	13,1%*	17%

Para realização da meta estabelecida, é fundamental que a indústria de transformação cresça rapidamente, elevando sua participação no PIB para 17% em 2029

O crescimento da Indústria de Transformação seria ao dobro da taxa da última década. Em função de sua capacidade de dinamização da economia, contribuiria para o aumento na taxa de crescimento dos demais setores

Brasil - Taxa Média Anual de Crescimento do PIB¹ dos Setores Selecionados

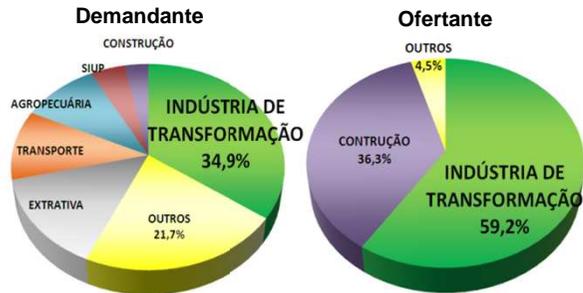


(1) Com base no Valor Adicionado a preços básicos. (2) Com base na projeção Bain.

Fonte: IPEA; PIA/IBGE. Elaboração: FIESP.

Fundamentos: a importância da Indústria de Transformação

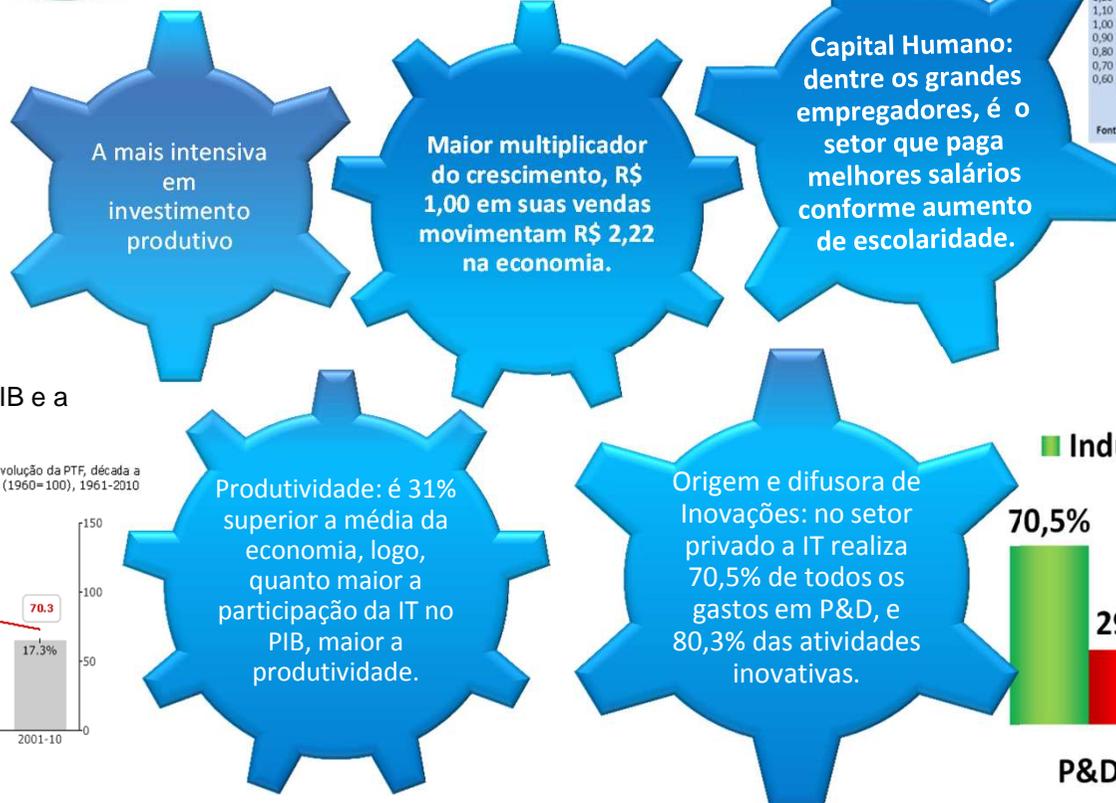
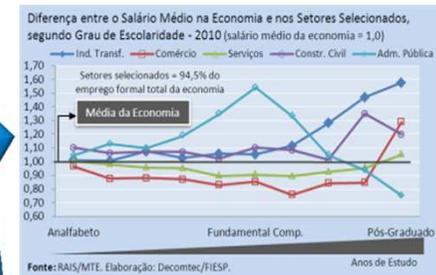
Investimento produtivo



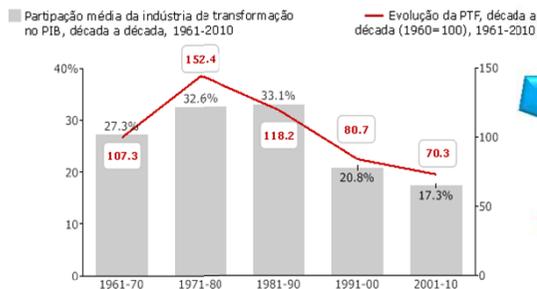
Não inclui setores institucionais



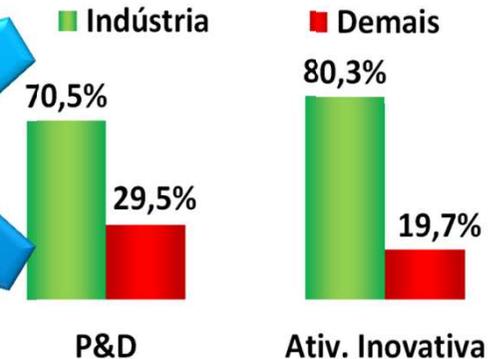
Os anos de melhor desempenho econômico do país foram aqueles em que a IT obteve maior crescimento.



Relação entre a participação da indústria de transformação no PIB e a evolução da PTF



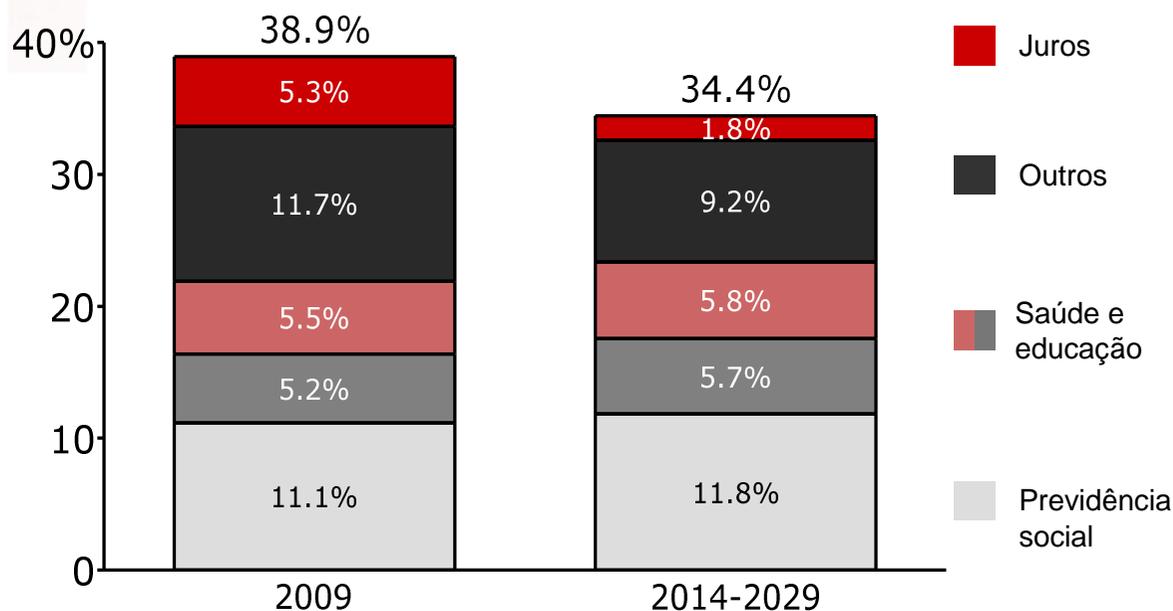
Fonte: IBGE, equipe FEA-RJ/USP



Fonte: IBGE. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

Condicionante: elevar investimento público sem reduzir os gastos prioritários e sem elevar a carga tributária

Cenário 2014-2029 do estudo para as contas públicas do governo geral, como % PIB



Racional:

Despesa com juros em nível internacional (2% a.a. real) e dívida líquida de 18% do PIB.

Crescimento anual igual à metade do crescimento do PIB.

Manutenção do patamar de gastos como % do PIB.

Considerando aumentos na idade mínima para aposentadoria, no tempo de contribuição e a desvinculação do piso do salário mínimo.

Investimento público atinge 4%.

Redução da receita tributária em resposta às desonerações setoriais para estímulo do investimento.

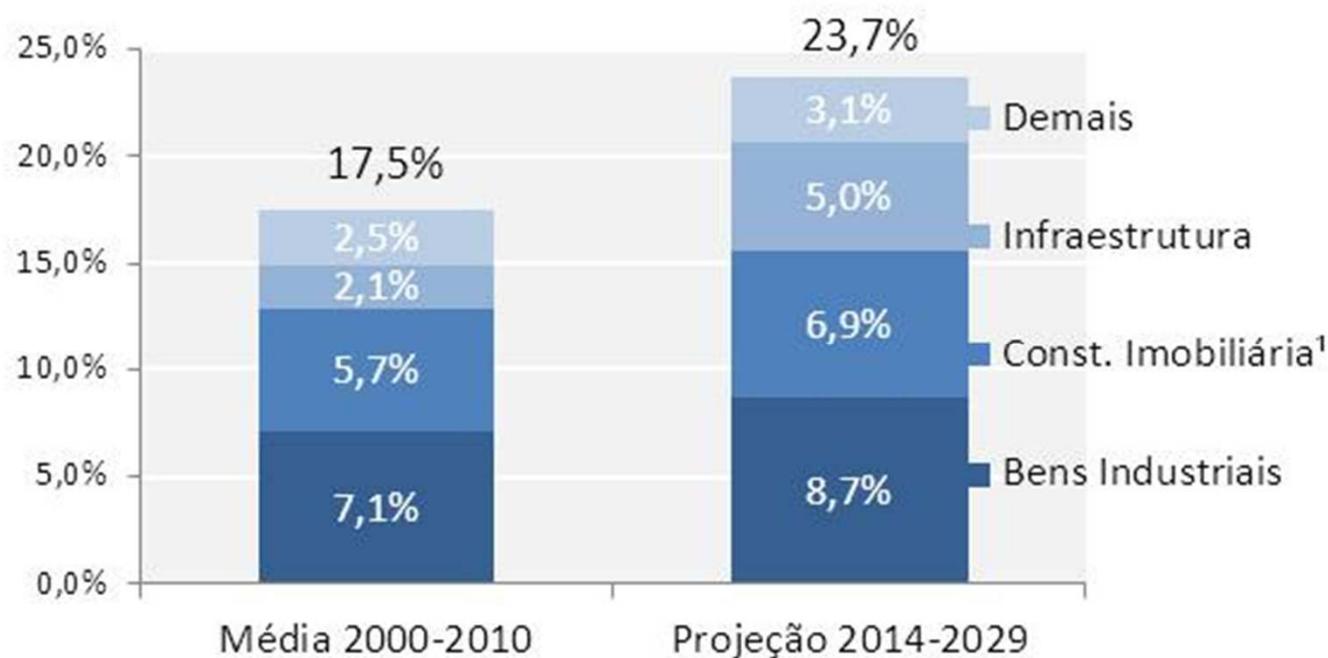
Investimentos	2.6%	4.0%	Investimentos
Receitas correntes	34.2%	32.0%	
Poupança pública	-2.1%	1.5%	Receitas tributárias
Resultado nominal	-3.3%	-0.8%	
Déficit primário	2.0%	1.0%	

Outros inclui: Indústria, comércio, turismo, esportes e lazer, cultura, defesa, C&T, agricultura e assistência social

Fonte: Tesouro Nacional, Equipe FEA-RP/USP. Análise Bain.

Condicionante: aumento do investimento, com maior ênfase na infraestrutura (passando de 2,1% para 5,0% do PIB)

Brasil - Composição da Formação Bruta de Capital Fixo (em % do PIB)



(1) Consutruções residenciais e não residenciais.

Fonte: SCN-IBGE. Projeto PIB-UFRJ/Unicamp. Elaboração: FIESP.

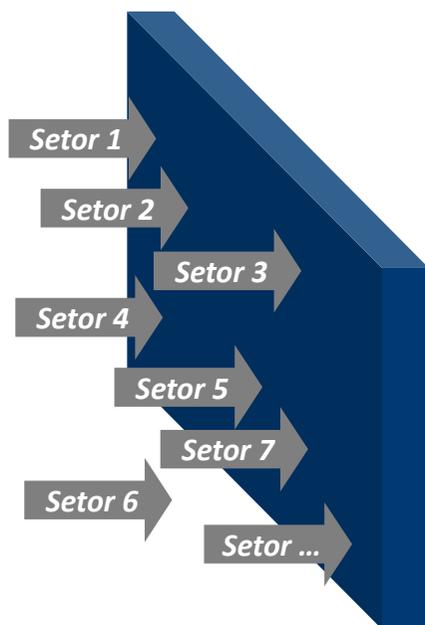
Estratégia de desenvolvimento proposta: setores catalisadores de um novo ciclo de investimentos

Critérios de seleção utilizados:

1º filtro

Potencial econômico

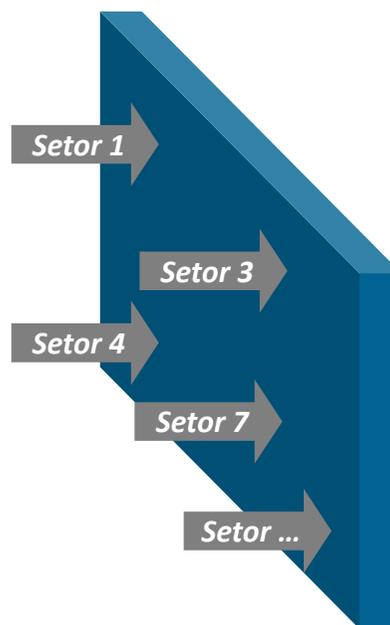
- Potencial de crescimento, viabilizado por um cenário de demanda doméstica ou externa favorável.



2º filtro

Potencial competitivo

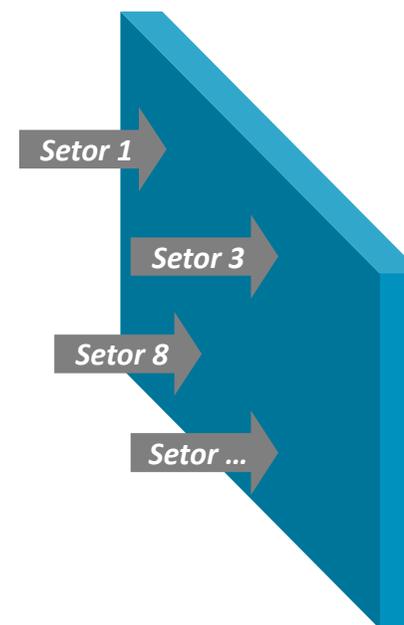
- Posição competitiva atual ou potencial.



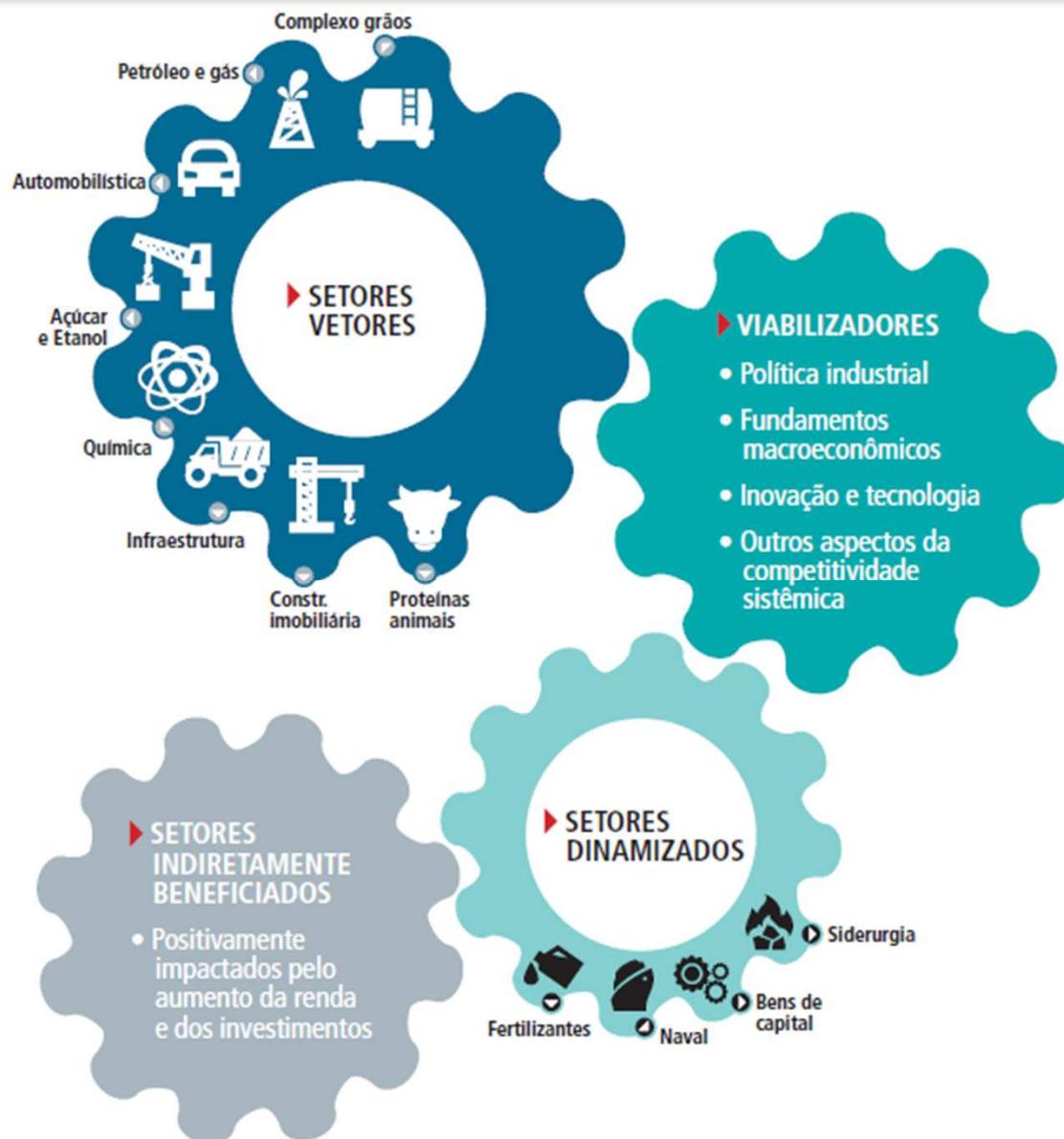
3º filtro

Impacto socioeconômico

- Potencial de investimentos e emprego;
- Capacidade multiplicadora em sua cadeia produtiva.



Relação entre setores vetores, dinamizados e o conjunto da economia



Estratégia de desenvolvimento com setores catalisadores de um novo ciclo de investimentos: estimativas de desempenho

SETORES	Potencial de investimentos (R\$ bilhões/ano)	Geração de empregos	Perfil emprego (R\$ mil/ano/PO)	
	Cenário 2014-29	Até 2029 (em milhares)	Valor adicionado	Salário
SETORES VETORES				
Construção imobiliária	476,9	2.400	52	16
Infraestrutura	344,3	1.400	62	23
Petróleo e Gás	88,4	100	1.018	105
Química	51,0	300	141	28
Automobilística	24,5	450	107	35
Etanol	32,4	100	35	19
Complexo grãos	20,4	125	98	14
Proteínas animais	17,5	-	73	11
Total	1055,5	4.875		
SETORES DINAMIZADOS				
Bens de capital	35,7	550	108	28
Siderurgia	7,1	150	200	33
Fertilizantes	1,3	10	58	35
Naval	1,9	100	67	29
Total	46,0	810		
Total setores priorizados	1.101,5	5.685		

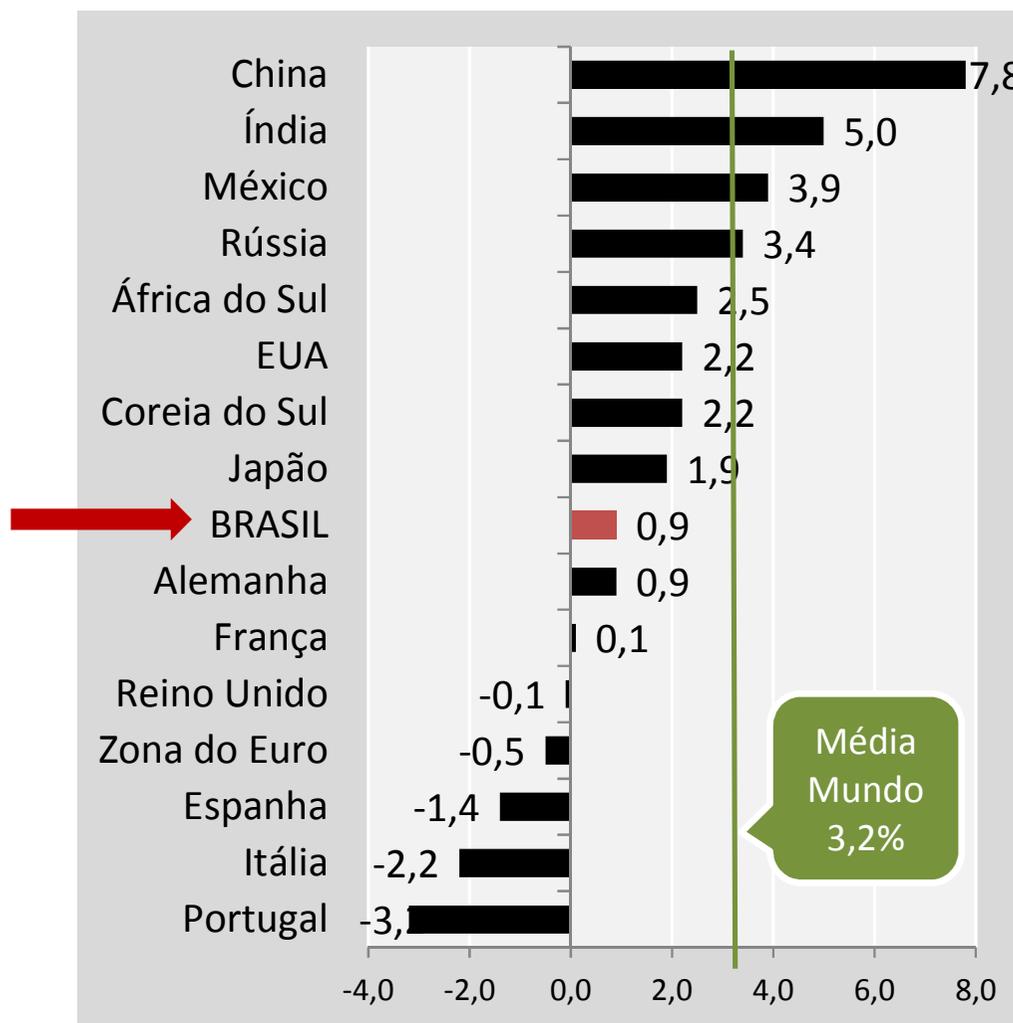
Fonte: SCN, PIA/IBGE. Análise BAIN. Nota: PO = pessoal ocupado

1	Oportunidades
2	Desafios
2.1	Contexto: economia brasileira e indústria
2.2	Custo brasil e sobrevalorização do real
3	Conclusões
4	Propostas

- Como demonstrado, o Brasil possui ótima oportunidade para acelerar seu processo de crescimento econômico, podendo ascender a categoria de nação desenvolvida num prazo de até 15 anos
- Tal oportunidade reside, em boa medida, na geração de um novo ciclo de investimentos em todos os setores da economia, com destaque para a infraestrutura
- No aspecto setorial, a oportunidade se encontra principalmente na retomada do desenvolvimento da indústria de transformação, dinamizando o crescimento das demais atividades
- Todavia, o **Custo Brasil e a sobrevalorização cambial**, tal como se encontram, **devem comprometer a realização desses objetivos socioeconômicos**
- A seguir, são apresentados mais detalhes quanto aos efeitos do Custo Brasil e a sobrevalorização cambial na competitividade industrial do país
- Portanto, o enfrentamento desses fatores é crucial para o desenvolvimento da nação

Em 2012 o PIB do Brasil cresceu somente 0,9%, muito pouco em comparação com o PIB mundial (crescimento de 3,2%) e da América Latina (3,0%), e, principalmente, ante as economias em desenvolvimento (5,1%),

Taxa (%) de variação do PIB em 2012, países selecionados



Fonte: IBGE. Elaboração: Decomtec/FIESP.

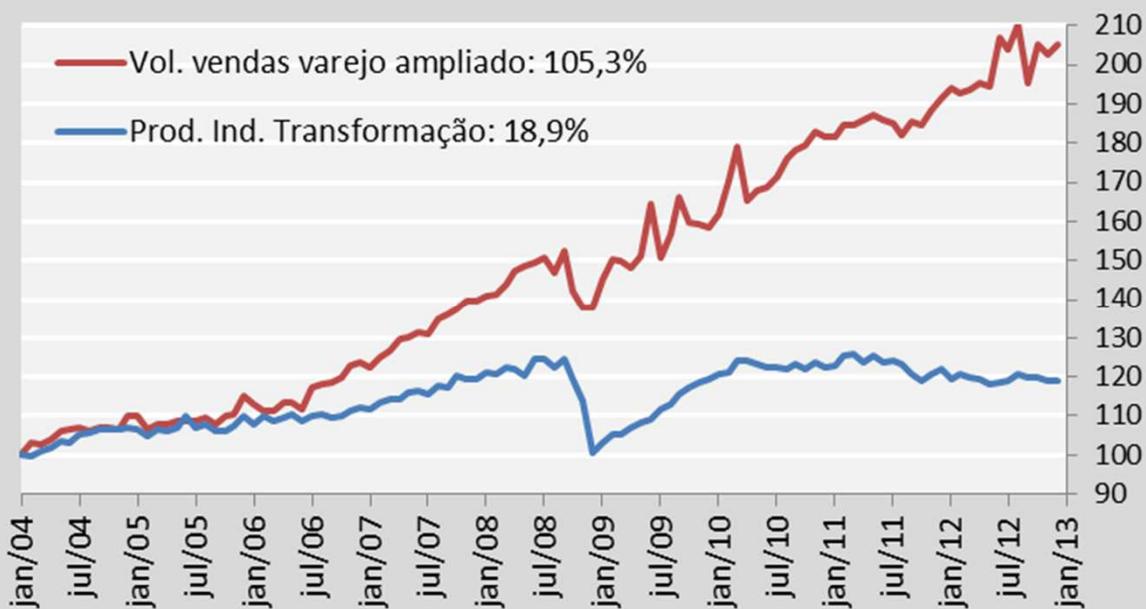
O baixo crescimento do PIB se deve, em boa medida, ao desempenho da indústria. A produção industrial brasileira não tem acompanhado o rápido crescimento do consumo interno

Em 2012, enquanto o PIB da **indústria de transformação recuou 2,5%**, o volume de vendas do varejo ampliado cresceu 8,0%.

O fraco desempenho da indústria de transformação brasileira pode ser atribuído fundamentalmente ao **Custo Brasil** e à **sobrevalorização do real**.

Evolução da Produção Física da Ind. de Transformação e do Volume de Vendas no Comércio Varejista – jan/04 – dez/12

Jan/2004 = 100



Fonte: IBGE. Elaboração: FIESP.

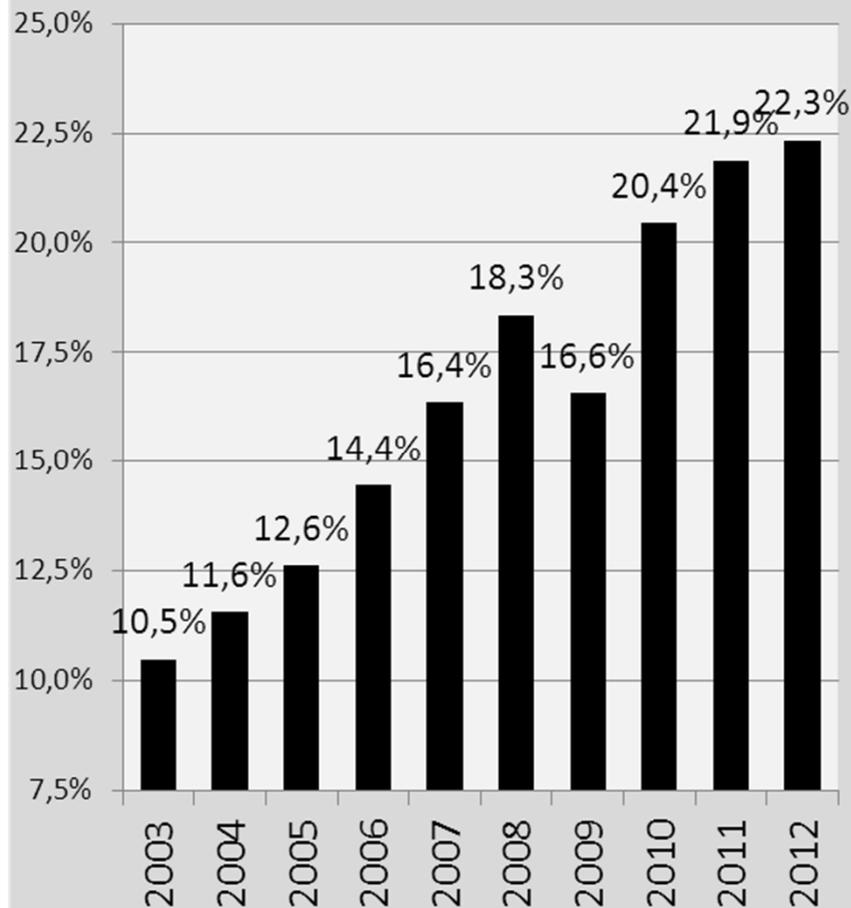
Participação dos importados no crescimento do consumo de bens industriais:
2008 e 2010 = 40%
2011 = 100%

Fonte: Banco Central do Brasil
(Relatório de inflação: junho/2012)

A deterioração da competitividade da produção industrial nacional também é notada pelo avanço das importações no atendimento da demanda interna.

Nos últimos anos, o **crescimento do coeficiente de importações** tem sido rápido, e **já ultrapassa 22%**, mais do que o dobro do ocorrido em 2003.

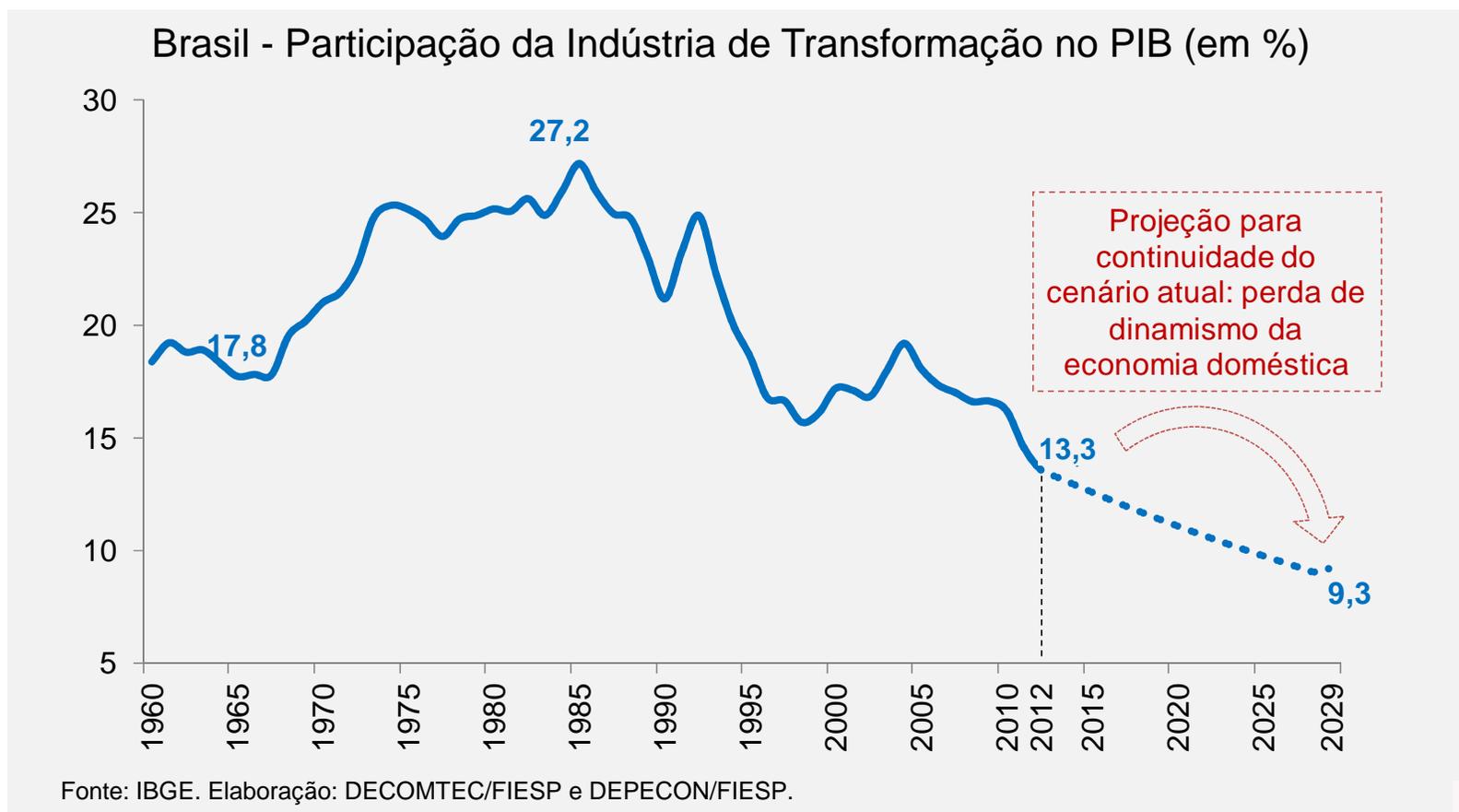
Coeficiente de penetração das importações na ind. de transformação, 2003-2012 (%)



Fonte: DEREX-FIESP.

Diante disso, a participação da Indústria de Transformação no PIB regrediu a 13,3% em 2012, o menor patamar dos últimos 50 anos

Nesse padrão, essa participação poderá se reduzir ainda mais, atingindo 9,3% do PIB em 2029, ou até antes.



1	Oportunidades
2	Desafios
2.1	Contexto: economia brasileira e indústria
2.2	Custo brasil e sobrevalorização do real
3	Conclusões
4	Propostas

Para o cálculo do “Custo Brasil” foram considerados¹ seis grupos de fatores do ambiente de negócios (fatores sistêmicos), e acrescida a sobrevalorização do real

Custo Brasil – grupos de fatores¹ do ambiente de negócios:



Considerou-se os quinze países que respondem por 76% da pauta de importação brasileira de bens industrializados em 2012.

- PARCEIROS: Alemanha; Argentina; Canadá; Chile; China; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Índia; Itália; Japão; México; Reino Unido e Suíça.
- DESENVOLVIDOS: Alemanha; Canadá; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Itália; Japão; Reino Unido e Suíça.
- EMERGENTES: Argentina; Chile; China; Índia e México.



- (1) Critérios de escolha do Custo Brasil:
- Relevância para a competitividade;
 - Potencial de melhoria por políticas públicas.

Não foram considerados na análise

- Subsídios e outras medidas de incentivo à produção e à exportação dos países de origem;
- Desvio da taxa de câmbio dos países de origem das importações (por exemplo, o câmbio da China é desvalorizado em 43% e o do México, em 38%, segundo o índice Big Mac-jul/2012);
- Incentivos ilegais concedidos por estados brasileiros, redutores da tributação para importados (Guerra dos Portos).
- Custo de mão de obra;
- Outras ineficiências sistêmicas.

1. Tributação (carga e burocracia)

Alíquotas mais elevadas, tributos não recuperáveis e alta burocracia encarecem a produção brasileira

Custo Brasil de Tributos (Parceiros) 15,5%

A. Tributos diretos na produção (IRPJ, CSLL, INSS, dentre outros): diferencial da alíquota brasileira comparativamente à alíquota dos tributos de cada um dos países analisados. *Custo Brasil Tributos diretos 6,7%*

B. Tributos irrecuperáveis na indústria¹: no Brasil o princípio da não cumulatividade é aplicado apenas parcialmente, elevando o custo de produção e, conseqüentemente, o preço do produto final, relativamente aos demais países.

Custo Brasil Tributos Irrecuperáveis 5,8%

C. Burocracia para pagar tributos

Segundo dados do Banco Mundial (2012), o tempo que se gasta anualmente para preparar, registrar e pagar tributos é de:

- **2.600 horas no Brasil;**
- **227 horas nos Parceiros;**
- **179 horas nos Desenvolvidos;**
- **255 horas nos Emergentes e;**
- **338 horas na China.**

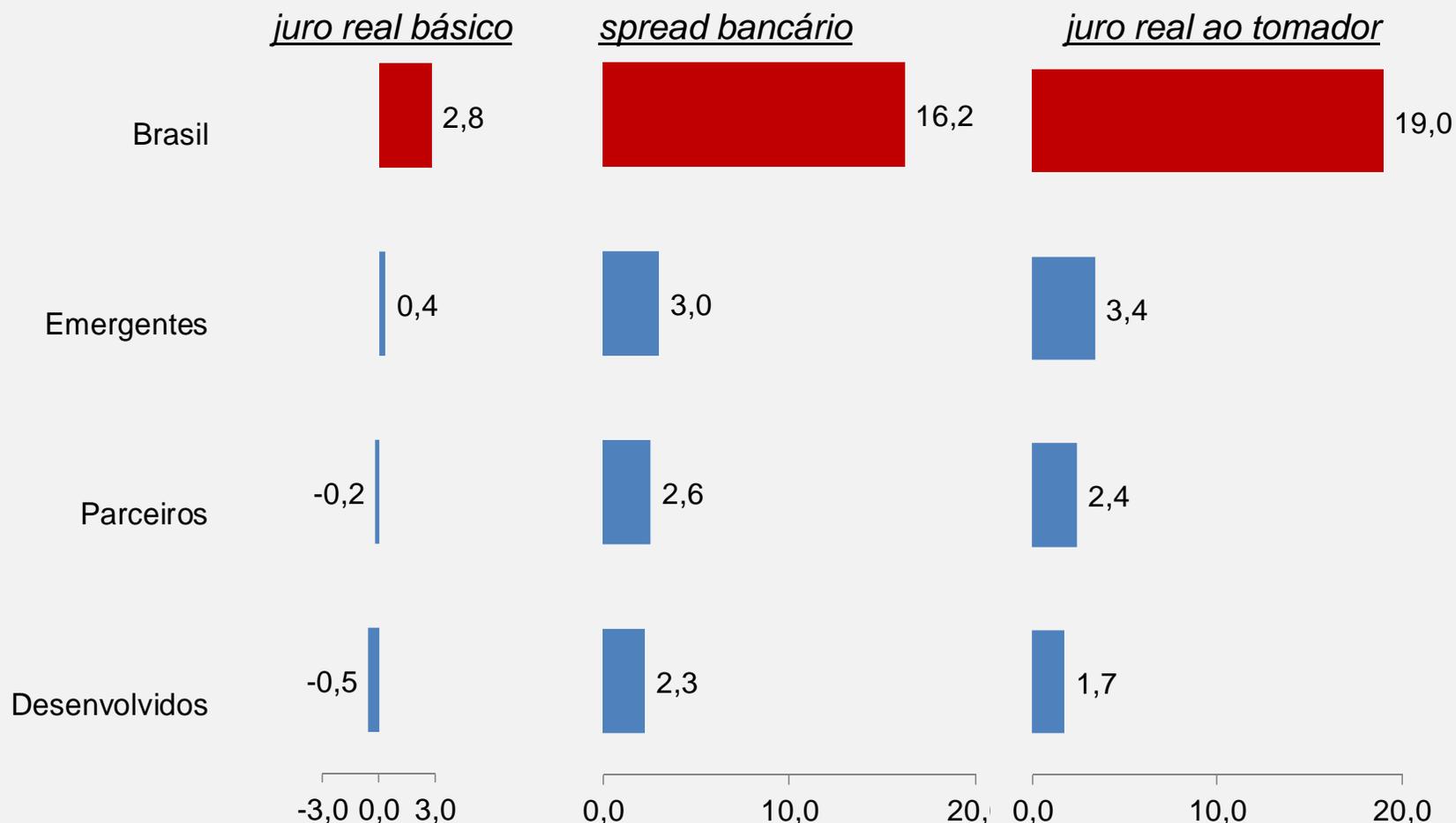
Custo Brasil Burocracia tributos 2,9%

2. Capital de giro

O juro real brasileiro é quase oito vezes maior na comparação com a média ponderada pela participação dos parceiros na pauta.

Custo Brasil de Capital de Giro (Parceiros) 4,5%

Taxa real de juros de capital de giro (% a.a.)



Fontes: FMI, BCB, Fed, EuroStat, Banco Central Índia. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

3. Energia e matérias primas

Custo Brasil de Energia e Matérias Primas (Parceiros) 2,9%

Apesar de no Brasil haver **ampla dotação de recursos naturais**, que **poderiam** assegurar oferta e preços bastante competitivos de insumos e matérias primas no mercado interno, essa disponibilidade de recursos naturais **não é revertida em vantagem comparativa** de preços com outras economias.

4. Infraestrutura logística

O diferencial qualitativo e quantitativo da infraestrutura para circulação da produção (insumos e bens finais) entre as nações analisadas são desfavoráveis à produção no Brasil, o que denota maiores custos ao longo da sua cadeia produtiva.

Custo Brasil de Infraestrutura Logística (Parceiros) 1,5%

	A	B	C	D	E
	Qualidade de infraestrutura de rodovias (nota)	Qualidade de infraestrutura de ferrovias (nota)	Qualidade de infraestrutura de portos (nota)	Densidade da malha rodoviária (km por km ²)	Densidade da malha ferroviária (km por km ²)
Brasil	2,7	1,8	2,6	0,21	0,003
Países parceiros	5,1	4,6	4,9	0,96	0,037
Países desenvolvidos	5,8	5,3	5,3	1,39	0,055
Países emergentes	4,1	3,7	4,2	0,36	0,011
China	4,4	4,6	4,4	0,41	0,009

Fontes: Colunas: A, B e C: WEF; D e E: CIA. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

Custo Brasil de Serv. Extras Funcionários (Parceiros) 0,7%

- A **baixa qualidade** ou a **insuficiência** de **serviços oferecidos pelo setor público** transferem a “responsabilidade” pela complementariedade ou substituição desses serviços ao setor privado, **gerando custos adicionais às empresas brasileiras**. Estudo do DECOMTEC/FIESP concluiu que o impacto representado pelo oferecimento desses serviços é da ordem de **0,96% do preço dos produtos industriais**.
- A comparação internacional dessa deficiência foi realizada tomando-se como referência a participação de benefícios aos empregados de caráter não obrigatório em relação aos salários, com base em estudo da consultoria KPMG (“Competitive Alternatives”, 2012).

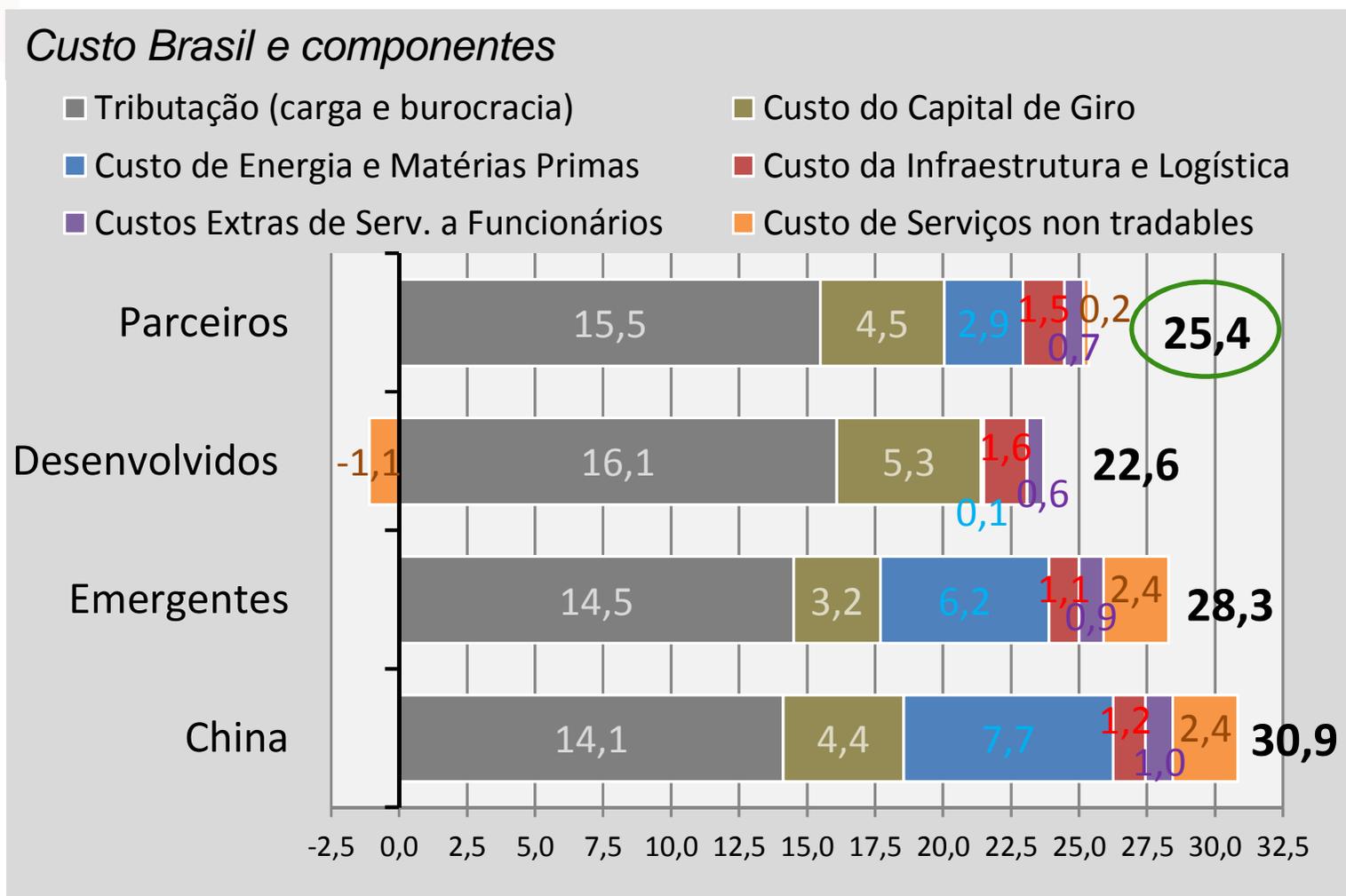
6. Serviços *non tradables*

Custo Brasil de Serviços *non tradables* (Parceiros) 0,2%

Os serviços *non tradables* (aluguéis, serviços advocatícios, contabilidade, auditoria, despachante, limpeza, entre outros) **são relativamente mais significativos nos custos das empresas brasileiras** em comparação ao das empresas dos países analisados, conforme levantado nos dados do IBGE (Pesquisa Industrial Anual) e no estudo internacional da KPMG (*Competitive Alternatives*, 2012)

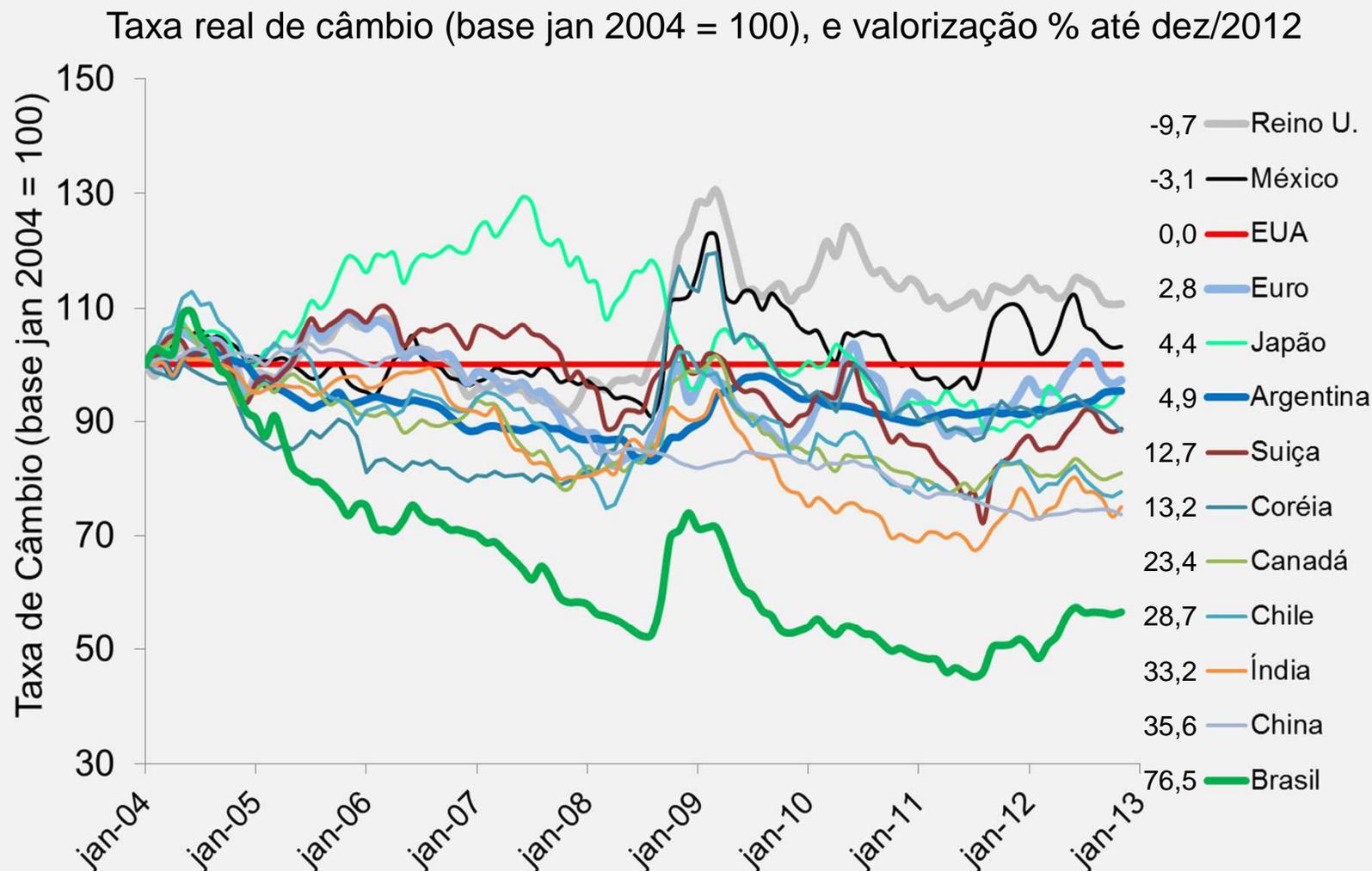
O Custo Brasil promove um acréscimo de 25,4%, em média, no custo de produção da indústria de transformação brasileira quando comparado com o de países parceiros

A **Tributação** (carga e burocracia) é o principal determinante do Custo Brasil.



Taxa de câmbio

O real segue sobrevalorizado, apesar da desvalorização relativa ocorrida desde meados de 2011...

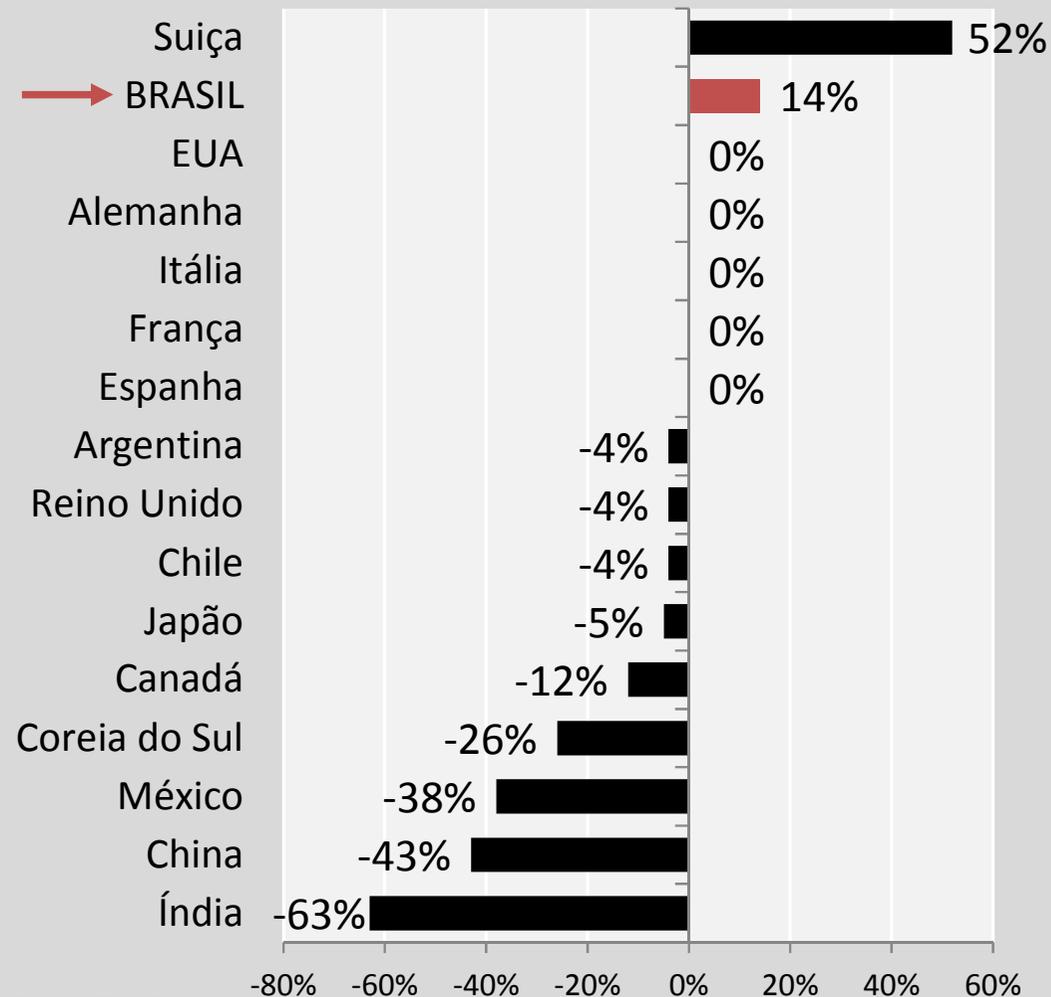


Fonte: OCDE e BCB. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

Em 2012 o real encontrava-se valorizado em 14% em relação ao dólar

Com exceção da Suíça, EUA e o Euro, todas as economias parceiras apresentam valor negativo no índice Big Mac, ou seja, **têm taxas de câmbio desvalorizadas**.

Índice Big Mac - Brasil e países parceiros (jul/2012)



Fonte: The Economist. Resultados completos em:
www.economist.com/blogs/graphicdetail/2012/07/daily-chart-17

Considerando o desvio do real em relação ao dólar de 14%, o preço (sem tributos indiretos) de um produto importado é de 87,7 contra 100 do nacional

Preços sem tributos indiretos e sem desvio da taxa de câmbio

Produto importado

100

Produto brasileiro

100

*Preço sem
Custo Brasil,
SEM desvio do
câmbio*

Preços sem tributos indiretos com desvio da taxa de câmbio

Produto importado

87,7

Produto brasileiro

100,0

*Preço sem
Custo Brasil,
COM desvio do
câmbio brasileiro*

- Na composição do **preço final do produto industrial**, além do **Custo Brasil** e da **valorização cambial**, foram **acrescidos os tributos indiretos**, que incidem tanto no produto nacional como no importado:
 - Produto nacional: ICMS, IPI, PIS e Cofins;
 - Produto importado: Imposto de Importação, ICMS, IPI, PIS e Cofins e frete e seguros.

Diferentemente do senso comum, a **alíquota efetiva de importação brasileira é bastante baixa** em relação ao máximo de 35% acordado com a Organização Mundial do Comércio:

- **9,8%** para países **Parceiros**¹;
 - **10,3%** para **Desenvolvidos**²;
 - **9,2%** para **Emergentes**³;
 - **14,7%** para a **China**.
- O efeito final dos fatores do quadro competitivo analisados é bastante prejudicial a atividade produtiva, investimento e geração de emprego no país.

Considerou-se os quinze países que respondem por 76% da pauta de importação brasileira de bens industrializados em 2012.

1 Alemanha; Argentina; Canadá; Chile; China; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Índia; Itália; Japão; México; Reino Unido e Suíça.

2 Alemanha; Canadá; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Itália; Japão; Reino Unido e Suíça.

3 Argentina; Chile; China; Índia e México.

Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

Parceiros = 34,2%



Parceiros

Alemanha,
Argentina, Canadá,
Chile, China, Coreia
do Sul, Espanha,
EUA, França, Índia,
Itália, Japão,
México, Reino
Unido e Suíça

Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

Desenvolvidos = 30,8%



Desenvolvidos

Alemanha, Canada,
Coreia do Sul,
Espanha, EUA,
França, Itália, Japão,
Reino Unido, e Suíça

Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

Emergentes = 38,0%



Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

China = 34,7%



1 Oportunidades

2 Desafios

3 Conclusões

4 Propostas

- **O Brasil possui ótima oportunidade para acelerar seu processo de crescimento econômico**, podendo ascender a categoria de nação desenvolvida num prazo de até 15 anos.
- A geração de um **novo ciclo de investimentos**, com destaque para a infraestrutura, e a **retomada do desenvolvimento da indústria de transformação**, acelerando o crescimento das demais atividades, são os dois aspectos fundamentais para concretização do potencial de desenvolvimento econômico nacional.
- Entretanto, no período recente, a estagnação do setor de transformação, culminando com retração de 2,5% do seu PIB em 2012, foi um dos responsáveis pela expansão do PIB do país ter sido de apenas 0,9% no último ano.
- A principal causa do baixo desempenho da indústria de transformação num quadro de expansão do consumo interno é a perda de competitividade da produção local.
- Segundo quantificado pelo DECOMTEC/FIESP, **um bem manufaturado nacional é 34,2% mais caro** que um similar **importado** dos principais parceiros comerciais, **já contando com as alíquotas de importação vigentes, unicamente em função do Custo Brasil**, isto é, deficiências no ambiente de negócios do país, **e devido a sobrevalorização do real** em relação ao dólar.

- O **Custo Brasil e a sobrevalorização cambial** são, portanto, uma **ameaça concreta à concretização da oportunidade** vislumbrada de ascensão do Brasil à categoria de nação desenvolvida.
- A **retomada da competitividade brasileira pressupõe a adoção de políticas de Estado**, e esse diferencial de preços deve ser o cerne de qualquer **diagnóstico das causas do baixo nível de investimentos, pífio nível de atividade inovativa e reduzido crescimento econômico** do país.
- Parte das políticas requeridas para redução do Custo Brasil somente terão resultados no longo prazo. Portanto, há **necessidade de políticas públicas emergenciais estruturantes e permanentes**, que proporcionem um ambiente de negócios com previsibilidade a longo prazo, e com **condições isonômicas de competição** para o setor produtivo doméstico ante a produção estrangeira.

1	Oportunidades
2	Desafios
3	Conclusões
4	Propostas

Propostas Macroeconômicas

- 1 Aumento do **Investimento Público**: controle do crescimento das despesas de custeio e previdência, aumento de saúde e educação.
- 2 Política Monetária: **taxa de juros no padrão internacional** e fim do uso de títulos **atrelados à SELIC, desindexação** dos preços administrados.
- 3 Política Cambial: posição **ativa** e resposta à **guerra cambial**.
- 4 Sistema Tributário: **simplificação, não-cumulatividade** total, isonomia entre setores e regiões, fim da acumulação de créditos.

Propostas transversais

- 1 **Incentivos ao investimento:** tributos, custo de capital disponibilidade e acesso a crédito
- 2 Incentivo à **inovação e P&D:** tributos, custo de capital disponibilidade e acesso a crédito
- 3 Compras governamentais: reestruturação e universalização de **margens de preferência**
- 4 Conteúdo Local: local: em compras públicas, tributação especial e em setores estratégicos
- 5 **Capacitar Pessoas:** incentivo fiscal, formação e retenção de **m.o. especializada, ensino técnico**
- 6 Desenvolver **Função Engenharia:** desoneração, polo local , financiamento e agilidade em visto
- 7 Incentivos à **Exportação:** REINTEGRA, linhas EX-IM Bank, benefícios tributários
- 8 **Defesa comercial:** estrutura de fiscalização, uso de instrumentos, normas técnicas e sanitárias, combate a praticas ilegais
- 9 **Insumos críticos** a preços competitivos: energia, aço, gás, cadeia petroquímica.

Obrigado

Departamento de Competitividade e Tecnologia – DECOMTEC

cdecomtec@fiesp.org.br